

Padre José Richetta

Missionário de ouro

texto Manuel Carreira ilustração H. Mourato

José Richetta é um missionário da Consolata que viveu pouco tempo: 50 anos apenas! Nasceu lá para os lados de Génova, na Itália. Tendo ficado órfão de mãe aos dez anos, teve de acompanhar o pai, que era ferroviário, para um local chamado Candiolo.

Em 1909, entrou nos Missionários da Consolata. Antes disso aconteceram factos um tanto mirabolantes. O rapaz não tinha ainda a vocação bem definida, o pai queria empurrá-lo para o seminário. A propósito disto, ele escreve umas linhas interessantes: “Eu, por natureza, era tímido e nunca me tinha ajeitado para ajudar à missa. Mas, um dia, o coadjutor da minha paróquia quase me obrigou a vestir a túnica e assim tive de ajudar à missa. Passados uns meses foram-me levar a Turim e entregaram-me aos cuidados do fundador da Consolata, o padre José Allamano”.

Richetta começou os novos estudos no seminário da Consolata e, inteligente como era, foi trepando os vários escalões do currículo escolar, sem qualquer dificuldade. Em 1913 vestiu a batina pela primeira vez; em 1914 entrou no noviciado; em 1915 fez a profissão religiosa. Tudo em beleza! Mas, como «não há bela sem senão», aconteceu o pior: foi chamado para a guerra. Mas o diabo nunca é tão mau como o pintam e o nosso recruta teve sorte: como era meio cegueta, quer di-

zer míope, os militares não o acharam apto e mandaram-no embora antes que algum tiro lhe saísse pela culatra e, em vez de atingir um austríaco inimigo, fosse rachar a cabeça do próprio instrutor. Entretanto, completou os estudos que lhe faltavam e foi ordenado sacerdote

Padre José Richetta Nasceu a 8 de Janeiro de 1897 em Novi Ligure, Itália **Entrou** na Consolata em 1909 **Ordenou-se** a 18 de Setembro de 1920 **Partiu** para o Quénia em 1922 **Faleceu** no Quénia, a 19 de Abril de 1947



em 1920. Os superiores, em vez de o mandarem logo para as missões, aproveitaram os bons dotes de caligrafia do Padre Richetta e puseram-no a escrever os nomes de todos os confrades, por ordem alfabética. Só depois de ter completado este serviço é que o largaram de

mão e o enviaram para as missões do Quénia. Chegou lá em 1922.

Não teve a sorte de permanecer muito tempo na mesma missão ou na mesma actividade. Aquilo era, como se costuma dizer, «comer e andar». Percorreu a pé milhares e milhares de quilómetros. Ia de uma missão para outra, suprindo a falta de missionários ausentes. Como se tudo isto não bastasse, ainda teve de vencer a prova de fogo, indo como prisioneiro de guerra para a África do Sul de 1940 até 1944. Depois de libertado ainda regressou ao Quénia, mas nunca mais foi o mesmo. Atacado por uma nefrite aguda, foi internado no hospital de Mathari onde veio a falecer, em 1947.

Pela sua obediência, pelo fervor religioso, pela capacidade de adaptação a qualquer tipo de trabalho e pela grande devoção ao Fundador e à Consolata, deixou marcas indeléveis de «um missionário de ouro» por onde quer que passou. Dá testemunho disso a longa peregrinação de pessoas que acorreu ao hospital para o visitar, nos escassos três meses em que ali esteve internado. ●